



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI
CURSO DE ENFERMAGEM

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO OBSTETRA NO PROCESSO DE
PARTURIÇÃO**

Guilherme Feldens Klepker

Lajeado, dezembro de 2020

Guilherme Feldens Klepker

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO OBSTETRA NO PROCESSO DE PARTURIÇÃO

Artigo apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Enfermagem, da Universidade do Vale do Taquari – Univates.

Orientadora: Dra. Ioná Carreno

Lajeado, dezembro de 2020

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO OBSTETRA NO PROCESSO DE PARTURIÇÃO

Guilherme Feldens Klepker¹, Ioná Carreno²

Resumo: Este estudo teve por objetivo compreender como foi a história profissional da inserção do enfermeiro obstetra no processo de parturição. Tratou-se de um estudo do tipo história oral, exploratório e descritivo. Para tanto, realizou-se uma entrevista com um profissional graduado em enfermagem que estava finalizado o curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica. Entrevista foi realizada através de um questionário com questões semi-estruturadas, construído pelo pesquisador. Os resultados apresentaram a trajetória acadêmica do profissional desde o curso de Auxiliar de Enfermagem até a Especialização em Enfermagem Obstétrica, além de apresentar a relação de preconceito das gestantes e/ou companheiros com o(a) profissional enfermeiro(a) generalista e com o profissional do sexo masculino. Trouxe também o relato quanto à melhora da receptividade da parturiente quando relacionada com o profissional especializado. Com o estudo, observou-se a trajetória acadêmica do enfermeiro obstetra, que se iniciou com o curso de auxiliar de enfermagem em 1998, técnico de enfermagem em 1999, posteriormente a graduação em enfermagem em 2000 e a especialização em obstetrícia em 2018. Observou-se também a fala do entrevistado que refere-se ao preconceito das gestantes e/ou acompanhantes com os profissionais da enfermagem e com o profissional do sexo masculino quando referente aos procedimentos obstétricos que podem ser realizado por médicos. Também sobre a maior receptividade das gestantes quando o enfermeiro é especializado em obstetrícia e não somente generalista.

Palavras-chave: Enfermagem; Enfermagem Obstétrica; gestantes; homem; obstetrícia; preconceito.

1 INTRODUÇÃO

O parto dá-se uma vez que ocorre a expulsão do feto, a placenta e as membranas do corpo materno (GONZALEZ, 2001). E esse momento tende a ser marcante para um casal, pois o bebê que era tão esperado vem ao mundo (MALDONADO, DICKSTEIN, 1997).

Mesmo com a história e as conquistas da obstetrícia, o trabalho do enfermeiro obstetra não é respeitado como merece. O fato do parto ser tratado de uma forma

¹ Acadêmico do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, RS.

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, RS.

mecanizada e muito como um ato cirúrgico, favorece para que esta falta de reconhecimento aconteça (BARBOSA; CARVALHO; OLIVEIRA, 2008).

Acolher a mulher, avaliar as condições de saúde da gestante e do feto, auxiliar no parto normal, entre outras, são competências dos profissionais de enfermagem que trabalham em algum Serviço de Obstetrícia. Cabe ao enfermeiro obstetra, identificar as distócias obstétricas e a tomada de decisões necessárias até a chegada do médico, afim de manter a segurança da mãe e do recém-nascido (COFEN, 2011).

Até o final do século passado, a prática de prestar auxílio à mulher gestante e ao recém-nascido, era feita somente por mulheres, com exceção de pequenas comunidades indígenas onde os maridos auxiliavam (BUSS, 1950). Mesmo sem conhecimento científico as parteiras acompanhavam partos, devido à experiência que possuíam, os mesmos aconteciam nas casas, sem estrutura hospitalar. (SANTOS; RAMOS, 2012).

O presente estudo teve por objetivo compreender como foi a história profissional da inserção do enfermeiro obstétrico no processo de parturição em um hospital, para tanto, buscou-se entender a formação e a carreira profissional do enfermeiro obstetra, além de investigar a atuação profissional e também conhecer a receptividade das parturientes pela ótica do enfermeiro obstetra.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tratou-se de um estudo do tipo história oral, exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2020, com um profissional graduado em enfermagem, morador da cidade de Tapejara/RS, que estava finalizando o curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica na Universidade do Vale do Taquari Univates, Lajeado/RS.

A entrevista foi realizada pelo pesquisador, em local e data previamente agendado com o participante. A entrevista foi gravada com gravador de áudio, após foi transcrita e analisada. A duração da mesma foi de 90 minutos. O instrumento foi um questionário com questões semi-estruturadas, construído pelo pesquisador, que

continha dados de identificação do entrevistado e quatro questões norteadoras, que responderam aos objetivos do estudo.

Neste estudo, os dados foram analisados conforme propõe Bardin (2012) conforme as fases de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Este estudo seguiu os preceitos da Portaria Ministerial nº 466 de 2012, que regulamenta pesquisas com seres humanos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO:

3.1 História da formação profissional

Nesta categoria, buscou-se trazer a trajetória acadêmica do entrevistado desde o início de sua formação acadêmica na área da enfermagem até sua decisão de especializar-se na área da enfermagem obstétrica.

“Eu sempre tive vontade de atuar na área da saúde, quando eu completei 18 anos, fui para Goiânia estudar e trabalhar, fiz um ano de direito mas vi que não era o que eu queria e retornei para Tapejara. Em 1997, conheci uma menina lá e resolvemos fazer o curso de auxiliar de enfermagem.” E1.

Segundo o COFEN (1986) em seu artigo 13, o Auxiliar de Enfermagem exerce atividades de nível médio, envolvendo serviços auxiliares sob supervisão, além de processos de tratamentos com nível de execução simples, como: observar, reconhecer e descrever sinais e sintomas; prestar cuidados de higiene e conforto ao paciente, entre outras.

“Eu e minha ex-esposa fizemos o curso de auxiliar juntos, resolvemos nos aperfeiçoar, na realidade, não estava do jeito como a gente queria. Quem era auxiliar de enfermagem podia fazer uma complementação e se tornar técnico de enfermagem, isso em 1999.” E1.

Segundo o COFEN (1986) em seu artigo 12, o Técnico de Enfermagem também exerce atividades de nível médio, participa da equipe de saúde e da orientação e supervisão do trabalho de Enfermagem em grau auxiliar, além de colaborar com a programação da assistência e executar ações assistenciais de

Enfermagem, exceto as privativas do Enfermeiro como a execução do parto sem distocia por exemplo.

“No ano seguinte, em 2000, a gente resolveu fazer a faculdade, a graduação de enfermagem, foi bem complicado, era uma instituição particular, conseguimos juntar um dinheiro, crédito, bolsa e conseguimos terminar a graduação com muito esforço.” E1.

Para o COFEN (1986) em seu artigo 11, o Enfermeiro exerce todas as atividades de enfermagem, cabendo-lhe privativamente: planejar, organizar, coordenar e executar a avaliação do serviços da assistência de enfermagem, fazer consultas de enfermagem além de prestar cuidados de enfermagem com maior complexidade técnica e que exijam conhecimentos de base científica e capacidade de tomar decisões imediatas, entre outros. Ainda, como integrante da equipe de saúde, compete proporcionar a assistência de enfermagem à gestante, parturiente e puérpera, acompanhar a evolução e o trabalho de parto, entre outras.

Segundo a Câmara de Educação Superior (CES) do Conselho Nacional de Educação (CNE) (2001), em seu artigo terceiro, o Curso de Graduação em Enfermagem tem como perfil do formando: Enfermeiro, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Profissional qualificado para o exercício da Enfermagem, capaz de conhecer e intervir nos problemas de saúde/doença. Além de ser capacitado a atuar como promotor da saúde integral do ser humano.

“Eu sempre quis fazer uma especialização em parto, eu tinha essa vontade de aprender, de saber mais sobre gestantes, eu sempre gostei de gestantes, durante o meu trabalho como auxiliar de enfermagem a gente atendia bastante gestante, então muitas vezes elas chegavam já ganhando e isso sempre me chamou muita atenção, comecei gostar da área da obstetrícia e sempre procurava saber, ler, estudava bastante sobre. Minha atual esposa também sempre gostou, ela se formou em agosto de 2017 na graduação, mas também era técnica de enfermagem. Sempre quisemos fazer esta especialização. Tínhamos a opção de fazer em Porto Alegre, São Paulo e em Ijuí, mas não gostamos do currículo e do cronogramas das aulas, então abriu em Lajeado, na Univates e decidimos fazer, em 2018.” E1.

Segundo o COFEN (1986) em seus artigos nº6 e nº11, ao profissional Enfermeiro que possui diploma ou certificado de obstetra ou de enfermeiro obstetra além do que compete ao enfermeiro generalista, incumbem prestar assistência à parturiente e ao parto normal, identificando distocias obstétricas e tomando providências até a chegada do médico, além de realizar episiotomia e episiorrafia com aplicação de anestesia local, quando necessária.

Para o Ministério da Saúde (2017, p.15.), “a assistência ao parto e nascimento de baixo risco que se mantenha dentro dos limites da normalidade pode ser realizada tanto por médico obstetra quanto por enfermeira obstétrica e obstetritz.”

“Mas tanto no auxiliar, quanto no técnico e enfermeiro sempre tive contato com a obstetrícia [...] na verdade a gente amparava o nenê e isso foi nos induzindo a ter vontade e ser mais atuante, ter mais conhecimento e ser mais efetivo, então resolvemos fazer essa especialização.”E1.

Aos profissionais da enfermagem que atuam em algum Serviço de Obstetrícia, compete: acolher a mulher, familiares ou acompanhantes; avaliar as condições de saúde da gestante e do feto; fazer consultas de enfermagem no pré-natal, parto e puerpério; auxiliar no parto normal, tanto à mãe quanto ao recém-nascido; registrar objetiva e claramente no prontuário da mãe e do bebê todas as informações importantes; envolver-se em atividades interdisciplinares a fim de promover a saúde materna e infantil; entre outras (COFEN, 2011).

O entrevistado referiu suas experiências sobre como foram as práticas durante o curso de especialização em enfermagem obstétrica, além de ressaltar a resolução do Conselho Federal de Enfermagem quanto às exigências práticas para tornar-se Especialista em Enfermagem Obstétrica.

“Na área hospitalar eu não trabalhei como enfermeiro obstetra, até porque não finalizei minha especialização, falta apenas apresentar o TCC, somente trabalhei na saúde pública. Mas durante a minha especialização tive contato com o centro obstétrico, foi em janeiro, no hospital Darcy Vargas em Joinville/SC, foram 20 partos e 20 atendimentos ao recém nascido, essa era a meta a cumprir e eu consegui atingi-la. É uma maternidade grande, que chega a atender 1000 partos por mês, um hospital de referência. Eu fiz os meus 20 partos e 20 atendimentos ao

recém nascido, com bastante esforço, partos bem humanizados que foi possível colocar em prática a grande maioria das manobras que a gente aprendeu na teoria, foi bem proveitoso esse estágio.” E1.

A Resolução 516/2016, feita pelo Conselho Federal de Enfermagem, em 24 de junho de 2016, estipula que para um enfermeiro generalista poder trabalhar nos Serviços de Obstetrícia, Centros de Parto Normal e/ou Casas de Parto, ou então para que ele receba o Registro de Título de Obstetrix e o de pós-graduação em Enfermeiro Obstetra, o profissional deverá executar e comprovar por meio de documento oficial emitido pela instituição que emitiu o título, os critérios mínimos de qualificação para a prática, seriam eles: realizar no mínimo 15 consultas de enfermagem pré-natais; realizar no mínimo 20 partos, estando presente em todas as etapas (trabalho de parto, parto e pós-parto); realizar no mínimo 15 atendimentos ao recém nascido na sala de parto (COFEN, 2011).

3.2 Atuação na enfermagem obstétrica

O entrevistado referiu dificuldades quanto à aceitação tanto dos companheiros das parturientes, quanto das próprias pacientes. O relato dele é que quando trata-se de uma avaliação à gestante, tanto ela quanto o acompanhante agem em tom de preconceito com a profissão, uma vez que não trata-se de uma avaliação feita pelo médico, mas sim, pelo enfermeiro.

“Antigamente, quando trabalhava no hospital de Sananduva, haviam dois obstetras e eles muitas vezes desapareciam, então sobrava para eu fazer a avaliação das gestantes, porém não era bem aceito pelos esposos “ - Enfermeiro vai fazer a avaliação? tem que ser o médico”. Ainda existe este preconceito. No setor emergência é diferente, lá o enfermeiro tem autonomia e autoridade [...]”. E1.

Outro tipo de preconceito citado pelo entrevistado, ainda por parte das pacientes e/ou acompanhantes é em relação ao fato de ser homem. No exemplo trazido, o procedimento de coleta do exame Citopatológico (CP) pode ser feito pelo enfermeiro, mas há uma resistência quando o enfermeiro é do sexo masculino.

“Ainda hoje, na UBS, quando vou fazer uma coleta de CP a pessoa pergunta “enfermeiro, é você que vai coletar?” já percebe-se um preconceito.” E1.

Para MEZAN (1998), preconceito “é o conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que consiste em atribuir a qualquer membro de determinado grupo humano uma característica negativa, pelo simples fato de pertencer àquele grupo: a característica em questão é vista como essencial, definidora da natureza do grupo, e portanto adere indelevelmente a todos os indivíduos que o compõem”.

Sabe-se que a profissão da enfermagem é predominantemente feminina, principalmente quando diz respeito à área obstétrica e isso vem ao encontro do que o entrevistado relatou enquanto realizava o estágio do curso de especialização em enfermagem obstétrica.

“No período de estágio eu era o único homem, havia várias universidades, inclusive internacionais, Bolívia, Chile, Peru, e mesmo assim, eu era o único homem da enfermagem.” E1.

Segundo o COFEN (2011) dados dos profissionais de enfermagem com cadastros ativos nos 27 Conselhos Regionais de Enfermagem (Coren) mostram que a maioria dos profissionais de enfermagem é do sexo feminino, os quais correspondem a 87,24% dos profissionais do Brasil, já os do sexo masculino correspondem a 12,76% do total dos profissionais de enfermagem.

Assim como o entrevistado trouxe exemplos de dificuldades na profissão, o mesmo também falou sobre facilidades dela. Trabalhar com o que se gosta, foi o que ele relatou.

“Eu acho que facilidade é você gostar do que faz, no meu caso quando recebo uma gestante ou uma criança, o procedimento flui melhor, porque eu tenho afinidade com a área. É você gostar mesmo do que você está fazendo, eu gosto mesmo de trabalhar com gestante, gosto mesmo de tudo o que diz respeito a elas”. E1.

O trabalho é gradativamente mais relevante na vida das pessoas, dando personalidade a elas, podendo caracterizar-se como fonte de diversão e felicidade, bem como acarretar em adoecimento. Seu processo exige disciplina e comprometimento para alcance do seu objetivo, podendo ser fonte de prazer

dependendo das condições em que é realizado. (GLANZNER; KANTORSKI; OLSCHOWKI, 2011).

O entrevistado enfatiza que o tempo de profissão atrelado à prática, resultam em benefícios ao profissional, gerando habilidades e confiança para com os pacientes.

“E outra facilidade é o tempo que vai te dar, a experiência, a habilidade de conversar com elas, estudar bastante também.” E1.

“A enfermagem obstétrica é como a punção venosa, tu não vai ser o craque naquilo ali, tu vai criando habilidades, maneiras de chegar, palavras que você pode estar usando, habilidades que você vai adquirindo com a experiência que vai te dando essa autonomia pra chegar na gestante. Com essas habilidades que você vai adquirindo, muitas vezes a forma que ela vai te receber é melhor.” E1.

No estudo feito por Camelo et al (2013) os enfermeiros afirmaram que desenvolveram habilidades técnicas em outros empregos, trazendo segurança para si e qualidade na assistência à saúde. Portanto, pode se dizer que a prática está relacionada à uma melhoria na qualificação profissional, por consequência, gerando benefícios ao paciente.

O entrevistado trouxe experiências relacionadas à obstetrícia durante sua trajetória profissional, não apenas no campo hospitalar, mas também na Atenção Primária à Saúde. Como na fala abaixo:

“Mas tanto no auxiliar, quanto no técnico e como enfermeiro sempre tive contato com a obstetrícia. Em 2019 passei num concurso em Fontoura Xavier e fui para a saúde pública [...]. É totalmente diferente o atendimento de pré natal da saúde pública para o hospital. No hospital é mais a parte técnica. Na saúde pública tu vai acompanhar a gestante, na questão de exames, toda parte de orientação, por exemplo, eu montei um grupo de gestantes, peguei o número de telefone de todas as gestantes do município, através dos agentes comunitários de saúde, daí a gente faz vídeos educativos, falando sobre azia, sinais que antecedem o trabalho de parto, vários temas, com vários profissionais, convidei a nutricionista para falar sobre dieta, a fono que fala sobre aleitamento, etc.” E1.

Segundo Santos e Silva (2005, pg. 93-95) “o pré natal é um conjunto de medidas preventivas e curativas que tem por objetivo proporcionar à gestante e sua família condições de bem estar físico, psíquico e social, além de acompanhamento materno-fetal.”

Ainda para Santos e Silva (2005), é de grande valia que a enfermagem oriente e incentive as mulheres quanto a importância do pré natal e da amamentação. E que durante a gestação, haja o acompanhamento do profissional enfermeiro, desde à solicitação de exames laboratoriais, a coleta do exame preventivo Papanicolau, quanto pela organização de grupos de gestantes que evidenciem atividades como aleitamento materno, preparo para o parto, cuidados com o recém nascido, vacinação, levantamento e busca das gestantes faltosas, entre outras.

O entrevistado expôs um ponto interessante, relatou que a recepção por parte da parturiente, durante seu estágio da especialização em Enfermagem Obstétrica, era diferente de quando era apenas enfermeiro generalista, elas o tratavam de um modo mais receptivo.

“Essa receptividade como enfermeiro era de uma maneira, como enfermeiro obstetra é diferente. A gestante já chegava lá sabendo que seria atendida por estagiários. Mas tudo depende da maneira que você chega nas pacientes, é como uma criança, se você chega de maneira bruta, ela não vai gostar, então eu digo “eu sou enfermeiro, estou me especializando em enfermagem obstétrica para melhor atender vocês” chegar com calma, conversando com o pai e explicando para mãe.” E1.

Segundo o COREN/PI (2016) a atuação da Enfermagem Obstétrica é considerada uma dos pilares do processo de humanização do parto e está associada à maior segurança e satisfação da parturiente. A Organização Panamericana de Saúde preconiza que a enfermagem obstétrica deve ser habilitada a assumir a tomada de decisões em seu campo de ação (MARANHÃO et al, 1990). A OMS (2020) afirma que as enfermeiras e parteiras desempenham um papel fundamental para a saúde de todos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como principal objetivo compreender a trajetória acadêmica e a atuação de um enfermeiro na enfermagem obstétrica. Como principais resultados, observou-se a trajetória acadêmica do enfermeiro obstetra, iniciando em 1998 quando fez o curso de auxiliar de enfermagem, no ano seguinte realizou o curso de técnico de enfermagem e no final do ano 2000 iniciou a graduação em enfermagem, finalizando a mesma no ano de 2005. No ano de 2018 iniciou a especialização em Enfermagem Obstétrica e a finalizou no final do ano de 2020.

Sobre à sua atuação na enfermagem obstétrica salienta-se a fala do entrevistado quanto ao preconceito das parturientes e/ou companheiros tanto com o profissional enfermeiro(a) generalista quanto pelo fato do profissional ser do sexo masculino. Chama-se a atenção também a melhor receptividade das gestante com o profissional especializado em Enfermagem Obstétrica do que com o profissional enfermeiro generalista.

Diante do exposto, acreditamos que o incentivo dos cursos de enfermagem aos acadêmicos homens a cursar a especialização em Enfermagem Obstétrica será importante para quebrar uma tendência de que a profissão é voltada às mulheres. O incentivo que mais homens optem por cursar Enfermagem é necessário.

A profissão da Enfermagem tendo mais homens que se identificam com a área materna-infantil, reduziria os preconceitos em relação a ser uma área predominantemente feminina. Outro benefício é servir de incentivo para algum profissional enfermeiro que opte por cursar a especialização, uma vez que possui apreço pela área.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Priscila Gonçalves; CARVALHO, Geraldo Mota de; OLIVEIRA, Laércio Ruela de. Enfermagem Obstétrica: descobrindo as facilidades e dificuldades do especialista nesta área. **Revista O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 458 - 465, 2008. Disponível em: <https://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/65/07_Enfermagem_baixa.pdf>. Acesso em: 23 out. 2019.

CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR - CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO.
Resolução CNE/CNS n.3, de 7 de novembro de 2001. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>> . Acesso em: 19 nov. 2020.

CAMELO, Silvia Helena Henriques; SILVA, Vânea Lucia dos Santos; LAUS, Ana Maria; CHAVES, Lucieli Dias Pedreschi. Perfil profissional de enfermeiros atuantes em unidades de terapia intensiva de um hospital de ensino. In: **Ciencia y Enfermeria XIX**. p. 51 - 62, 2013. Disponível em:
<https://scielo.conicyt.cl/pdf/cienf/v19n3/art_06.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2020.

CARVALHO, Geraldo Mota de. **Enfermagem em Obstetrícia**. São Paulo: Pedagógica e Universitária LTDA, 1990.

COFEN - CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução n. 7.498/1986, de 25 de junho de 1986. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html>. Acesso em: 26 out. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM - COFEN. **Produto 2: Análise de dados dos profissionais de enfermagem existentes nos Conselhos Regionais**. Março de 2011. Disponível em: <<http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/pesquisaprofissionais.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM - COFEN. Disponível em:
<http://www.cofen.gov.br/oms-apoia-designar-2020-o-ano-das-enfermeiras-obstetricas-e-parteias_68790.html>. Acesso em: 18 nov. 2020.

COREN/PI - CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DO PIAUÍ. Disponível em: <[GONZALEZ, Helcye. **Enfermagem em Ginecologia e Obstetrícia**. 4. ed. São Paulo: SENAC, 2001.](http://www.coren-pi.com.br/entidades-da-enfermagem-debatem-sobre-a-importancia-da-enfermagem-obstetrica_4217.html#:~:text=%E2%80%9CA%20enfermagem%20obst%C3%A9trica%20tem%20o,cada%20vez%20mais%20o%20tema.&text=O%20papel%20do%20enfermeiro%20obstetra,m%C3%A3e%20continuem%20sendo%20bem%20assistidos%E2%80%9D.> Acesso em: 16 nov. 2020.</p></div><div data-bbox=)

GLANZNER, Cecília Helena; KANTORSKI, Luciane Prado; OLSCHOWSKY, Agnes. **O trabalho como fonte de prazer: avaliação da equipe de um centro de Atenção Psicossocial**. Revista da Escola de Enfermagem da USP. São Paulo. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n3/v45n3a24.pdf>> . Acesso em: 16 nov. 2020.

HOGA, Luiza Akiko Komura; REBERTE, Luciana Magnoni. **O desenvolvimento de um grupo de gestantes com a utilização da abordagem corporal**. São Miguel Paulista, São Paulo. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tce/v14n2/a05v14n2.pdf>> . Acesso em: 16 nov. 2020.

MALDONADO, Maria Tereza; DICKSTEIN, Júlio. **Nós estamos grávidos**. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

MARANHÃO, Amélia Mara Scarpa Albuquerque; SERAFIM, Deise; CAETANO, Laíse Conceição; GALVÃO, Mary Lúcia; BERNI, Neiva Iolanda de Oliveira.

Atividades da enfermeira obstetra no ciclo gravídico-puerperal. São Paulo. EPU, 1990.

MEZAN, Roberto. **Tempo de muda: ensaios de psicanálise.** São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde. **Diretrizes nacionais de assistência ao parto normal:** versão resumida [recurso eletrônico]. Brasília : Ministério da Saúde, 2017. 51 p. Disponível em: <<https://www.abenfo.org.br/site/biblioteca/arquivos/manuais/Diretrizes-Parto-Normal-resumida-FINAL.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

SANTOS, Raquel Bezerra dos; RAMOS, Karla da Silva. Sistematização da assistência de enfermagem em Centro Obstétrico. **Revista Brasileira de Enfermagem.** v. 65, n. 1, p. 13-18, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2670/267022810002.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2019.

SANTOS, Inês Maria Meneses dos; SILVA, Leila Rangel da. O Corpo do Pré Natal: Cuidando da Gestante. In: FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida de. **Ensinando a Cuidar da Mulher, do Homem e do Recém Nascido.** 1. ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2005. p. 93-95.